

# Os proto-mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco

*muy suave odor de sancto martyrio*<sup>1</sup>

---

Os seguidores  
de São Francisco  
assumiram a tarefa  
de conversão do Norte  
de África,  
onde foram autorizados  
a fundar  
os primeiros mosteiros  
em solo muçulmano,  
supondo que através  
dos principais  
responsáveis políticos  
atingiriam o geral  
da população e,  
com os favores do Céu,  
ganhariam para a Igreja  
um reino mais amplo,  
o qual transformaria a  
sociedade e o mundo  
sob os desígnios  
da Fé Apostólica.

**Milton Pedro Dias  
Pacheco**

Departamento  
dos Bens Culturais  
da Diocese de Coimbra

---

Logo o cego Emperador  
Em pequeno & breve espaço,  
Com rayua, ira & rigor  
No terreiro do seu paço  
Aos martyres mandou por.  
[...]  
A cruel espada pede,  
E vay cego de ira, & furia,  
Que todos a rezaõ lhe empede:  
A vingar a grande injuria  
Feita ao falso Mafamede  
[...]  
E sem temor nem receo  
Viesse a ira do Ceo,  
(Como andando o tempo veo)  
A cada hum delles fendeo  
A cabeça pelo meo.

Abriraõ as santas capellas,  
E quebramse os espelhos,  
Que estavaõ por baixo dellas;  
Correraõ canos vermelhos  
De sangue delles, & dellas

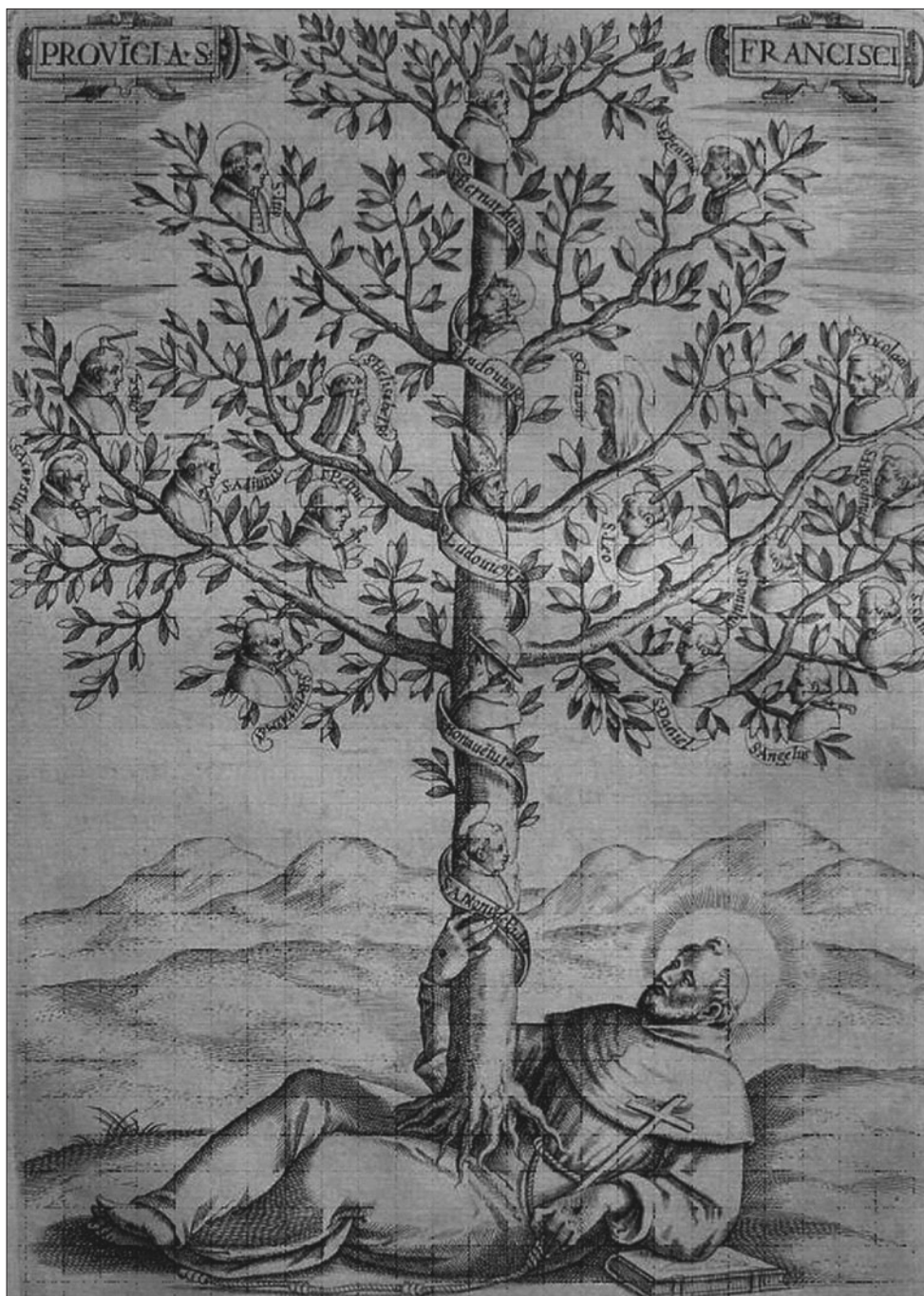
Os seus sagrados vestidos  
Humildes, & remendados,  
Ficaraõ em sangue lauados,  
Taõ trocados, & tingidos,  
Que pareciaõ encarnados."

FRANCISCO LOPEZ

Segunda parte de S. Antonio e verdadeira historia  
dos cinco martyres de Marrocos [...]   
composta em verso, canto XI,  
Lisboa, [sem officina], 1673, pp. 272 a 274.

---

<sup>1</sup> Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades  
menores, Lisboa, [Oficina de] Manoel Ioam, 1566, fol. CXLIII, v, col.a.



*Árvore genealógica da Ordem de São Francisco. Os seus primeiros santos.*

Gravura de autor desconhecido, século XVI

Fonte: Gonzaga, Francisco, *De origine Seraphicae Religionis Frãiscane*, Roma, s.e., 1587, p. 154.

## Introdução

### O início do culto dos Mártires de Marrocos

Em ardente período da expansão do Cristianismo, cinco frades menores da Ordem de São Francisco assentiram a tortura e confirmaram com sangue a sua fé em Jesus Cristo.

Diferentes expressões culturais e devocionais são ainda hoje organizadas no dia 16 de Janeiro, como marca o Calendário Litúrgico da Igreja Católica, para honrar no seu aniversário a glória do martírio padecido em Marrocos no longínquo ano de 1220.

Disseminadas por todo o país, é no extenso itinerário das casas franciscanas, que se conhece a principal existência da sua presença contemplativa e se perpetuam as referências iconográficas mais significativas, num profundo ardor religioso e venerando respeito pelo exemplo testemunhado.

Contudo, foi no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, casa religiosa obediente à Regra de Santo Agostinho, que teve início, logo em 1220, o fervoroso culto dos Proto-Mártires de Marrocos. Fiéis depositários dos seus despojos sagrados, os Cónegos Regrantes, além de implementarem as primeiras formas devocionais<sup>2</sup> iriam acompanhar também todo o processo de canonização, concluído durante o papado de Sisto IV, com a outorga, em 7 de Agosto de 1481, da Bula *Cum alias animo revolueremus Beatorum Martyrum Berardi*.<sup>3</sup> Foi ainda por intercessão da comunidade crúzia, que, no século XVIII todas as dioceses de Portugal obteriam de Bento XIV, o mesmo pontífice que autorizara o estabelecimento da Academia Litúrgica naquele mosteiro, a permissão para a celebração da solenidade litúrgica no dia da sua festa.<sup>4</sup>

Outro foco religioso, localizado na circunscrição diocesana de Coimbra e de grande importância para a implementação e continuidade do culto dos Santos Mártires, foi o Mosteiro de São Paio e São Mamede de Lorvão, contemplado também com algumas das suas relíquias.

É a partir de uma das obras hagiográficas mais antigas consagradas aos Proto-Mártires de Marrocos, que podemos traçar o percurso, martírio e introdução do seu culto. Baseado num manuscrito medieval, em latim, oriundo do já desaparecido cartório do Mosteiro de Santa Cruz, o *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos enuiados per são Francisco* foi impresso em Coimbra, a 7 de Fevereiro de 1568.<sup>5</sup>

Curiosamente, o autor, anónimo, na primeira edição portuguesa conhecida do *Tratado* revelou um prematuro e altivo espírito crítico relativo à veracidade de todos os acontecimentos registados. Ressaltando alguma possível incongruência histórica

<sup>2</sup> Foi ainda em Santa Cruz que foi fundada a primeira Irmandade dos Santos Mártires, extinta em 1897. "Noticias diversas", *Resistencia*, 236 (27 de Maio de 1897), p. 3, col.2.

<sup>3</sup> Dois anos antes, o mesmo Sumo Pontífice instituiu a solenidade festiva no calendário da Ordem de São Francisco. (Cornejo, Damian, *Chronica Seraphica*, [...] 1727, p. 297, col.a; e Soledade, Fernando, *Historia Seráfica Chronologica da Ordem de S. Francisco na provincia de Portugal*, Lisboa, Oficina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, 1705, Tomo III, p. 364)

<sup>4</sup> Rosario, Diogo do, *Flos Sanctorum ou Historia das vidas de Christo, Nosso Senhor, de sua Santissima Mãe, e dos Santos*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1741, Tomo 1, p. 172, col. b.

<sup>5</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos enuiados per são Francisco*, Coimbra, [Oficina de] João Alvarez, 1568; e Cornejo, *Chronica Seraphica*, p. 279, col.a. Também São Caetano, Antonio, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres, de Marrocos*, Coimbra, Officina de Bento Secco Ferreyra, 1711, p. 1, assegura que consultou as *memórias antigas do Real Mosteyro de Santa Cruz*.

no códice, informou que os episódios foram narrados de “diferentes maneiras”, justificando que, naquelas vivas eras de fé do primeiro quartel do século XIII,

“nam avia tã pouco primor e cuydado descrever e perpetuar as cousas tã gloriosas e dignas de memoria”.<sup>6</sup>

Mas com o passar dos séculos e o desenvolvimento das práticas devocionais em torno dos Cinco Mártires foram executadas outras obras “que contão seus milagres, & martyrio”, da autoria de monges das várias ordens, portugueses e estrangeiros, como Marcos de Lisboa,<sup>7</sup> Manoel da Esperança,<sup>8</sup> António de São Caetano,<sup>9</sup> Joaquim da Encarnação,<sup>10</sup> ou Damian Cornejo,<sup>11</sup> e transmitidas como fidedignas fontes de iconografia às sucessivas gerações de artistas. Já no século XX, outros autores iriam dedicar-se também à investigação hagiográfica e ao estudo iconográfico dos primeiros franciscanos a sofrerem o martírio em missão, entre os quais se destacam António da Rocha Madahil e Flávio Gonçalves.<sup>12</sup>

## *O paradigma histórico dos Santos Mártires de Marrocos*

### **A missão de São Francisco e dos seus confrades**

As Cruzadas organizadas à Terra Santa pelos soberanos cristãos europeus, entre 1096 e 1270, em cumprimento dos apelos lançados pela Santa Sé, realçavam a necessidade de prosseguir com a evangelização nos territórios onde imperava a religião de Maomé.

Este pensamento, entendido numa perspectiva escatológica sem qual não se podem compreender os conflitos medievais, maioritariamente travados em nome de Deus, defendido pelos grandes papas, fundadores de comunidades religiosas e muitos teólogos, foi determinante para o avanço cristão na Península Ibérica, sobretudo, após a célebre batalha de Navas de Tolosa, em 1212.

São Francisco de Assis, religioso italiano responsável pela fundação da Ordem dos Frades Menores, após a sua estadia em Spoleto, decidiu abandonar o século e dedicar-se à espiritualidade penitente, para a qual havia sido chamado. Permitindo o acesso à Ordem de todos aqueles que se demonstravam fiéis seguidores ao espírito de pobreza, de oração e de pregação do Evangelho, fundou diversos ramos destinados a religiosos e a leigos, a homens e a mulheres.

<sup>6</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fols. XIII, v; e; XXVI, r.

<sup>7</sup> Lisboa, Marcos, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, Lisboa, Oficina de Pedro Crasbeeck, vol. I, p. 1615.

<sup>8</sup> Esperança, Manoel da, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, Tomo 1, 1656.

<sup>9</sup> São Caetano, António, *Breve compendio da vida, e martyrio dos sinco gloriosos Martyres, de Marrocos*, Coimbra, Officina de Bento Secco Ferreyra, 1711.

<sup>10</sup> Encarnação, Joaquim da, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1761.

<sup>11</sup> Cornejo, Damian, *Chronica Seraphica*, Madrid, Imprenta de la Viuda de Juan Garcia Infançon, Tomo II, 1727.

<sup>12</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928 e Gonçalves, Flávio, “A Representação Artística dos «Mártires de Marrocos». Os mais antigos exemplares portugueses”, *Museu*, 2ª série, 6 (1963).

Aprovada a Ordem por Inocêncio III, em 1210, São Francisco, manifestando os seus intentos no exercício do apostolado entre os sarracenos, percorreu, segundo a tradição, terras longínquas, desde a Península Ibérica até à Síria. Assim, conhecedor da realidade da expansão territorial da religião do Infiel, “Il Poverello”, após a conclusão do capítulo geral da Ordem, reunido durante a festa do Pentecostes, decidiu enviar para o Norte de África seis dos seus irmãos.<sup>13</sup>

Disposto a cumprir os ideais franciscanos propostos partiria, entre Maio e Junho de 1219, da cidade italiana de Assis, um grupo de frades menores em direcção a Marrocos,

*“cabeça do iþerio Africano, õde estava el rey Miramolĩ pera trabalharẽ de o cõverter a fee de Jesu Christo, porq̃ cõuertido elle seria causa de todo seu Reyno e vassallos se cõverterẽ por seu exẽplo.”*<sup>14</sup>

Estava assim justificada a sua tortuosa mas muito proveitosa empresa!

Este grupo de seis homens, de nacionalidade italiana, foi liderado, inicialmente, por Frei Vital, sacerdote, pregador da Primeira Ordem franciscana; Frei Berardo de Carbio, presbítero famoso pelos dons de pregação, natural da pequena povoação de Carbio, no Condado de Narni, sendo os únicos conhecedores da língua árabe; Frei Otto, igualmente sacerdote; Frei Pedro de Santo Geminiano, diácono e oriundo de Geminiano, em Florença; Frei Adjuto e Frei Acursio, ambos irmãos professores.<sup>15</sup>



**Os Cinco Mártires de Marrocos**

Autor desconhecido, século XVIII

Óleo sobre madeira

Igreja de Santa Isabel, Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, Coimbra

## Os primeiros contactos com o mundo islâmico peninsular

Saindo de Assis em direcção à Península Ibérica, os frades franciscanos iam vestidos de “grosso burel sobre suas carnes cingidos cõ cordas, descalços e postos em tam asparo trajo, despojados de alforge ou bordão, foram sempre pregãdo á fee

<sup>13</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fol. III, v; e; *Livro primeiro* [...], 1566, fol. CXXXII, r, col.a.

<sup>14</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fol. III, r.

<sup>15</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fol. III, v; *Livro primeiro* [...], 1566, fol. CXXXII, r, col.b e Cornejo, Damian, *Chronica Seraphica* [...] 1727, p. 276, col.b. Acerca da presença dos três estados da Ordem Franciscana, escreveu Frei Manoel da Esperança que “como Deos pretendia consagrar com o seu sangue os fundamentos primeiros da nossa Ordem serafica, tamẽ nelles ajuntou os tres estados, de que ella se compõem: sacerdotes, & coristas [...] & frades leigos”. (Esperança, *Historia Serafica*, Tomo I, p. 287, col. a).

Christã e doutrina Evãgelica per todas praças e lugares pubricos e particulares onde viã gente junta”.<sup>16</sup>

Assim, o hábito franciscano, o mais pobre de todas as ordens religiosas, era (e é) composto por uma túnica larga, com uma configuração em forma de cruz, capucho e cingulo. Seguindo o pensamento do fundador, os frades menores deveriam trajar túnica, remendada, cujo comprimento vai até ao tornozelo, presa por uma corda de estopa, o grande símbolo desta Ordem. O capucho, solto da túnica, deveria ser executado na forma de romeira, com gola e pendente acima da sobrepeliz.<sup>17</sup>

Um aspecto bastante sugestivo porque peculiar e proveniente do exame atento das obras de Francisco Henriques “Paixão dos Cinco Mártires de Marrocos”, c. de 1508, depositada no Museu Nacional de Arte Antiga, e da “Decapitação dos Santos Mártires de Marrocos”, atribuído à oficina de Jorge Afonso, executada entre 1520-1530 para a igreja do Convento de Jesus, em Setúbal, manifesta-se na gradação cromática dos hábitos, em três tonalidades ligeiramente diferenciadas. Este pormenor, realçado pela notável qualidade e domínio técnico dos pintores deste período, deixa entender a distinção de ordens sacras do conjunto das personagens representadas, visto haver dois sacerdotes (Bernardo e Otto), um diácono (Pedro) e dois irmãos professores (Adjuto e Acursio), por certo aludidos em conformidade com os registos medievais, permitindo, assim, a aproximação mais fidedigna da identificação dos cinco franciscanos italianos.

A fisionomia, embora sem uma individuação irrefutável para cada qual, traduz o que de mais expressivo se retém da especificação registada nos documentos epocais ao tempo da vida e martírio dos frades. Assim, enquanto a tonsura, como sinal identificativo da entrada no estado clerical, se nota evidente em três dos figurados, os dois restantes, sem cercilho, manifestam a condição de irmãos professores.

Chegados a Aragão, padeceu Frei Vital de uma terrível enfermidade. Esperando pela recuperação da saúde do líder do grupo, acabariam, após a sua permissão, continuar viagem até Portugal, tendo Frei Berardo assumido a orientação espiritual.<sup>18</sup>

Recebidos em Coimbra pela rainha Dona Urraca, esposa de Dom Afonso II, a quem revelaram os suplícios que iriam padecer em Marrocos e anunciaram que o primeiro dos monarcas a contemplar os seus cadáveres faleceria primeiro,<sup>19</sup> os frades ficaram alojados no hospício do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, preferindo a companhia dos mais desfavorecidos.<sup>20</sup> Foi durante a sua estadia por terras do Mondego que terão, muito possivelmente, contactado com o monge agostinho Fernando Martins de Bulhões, o célebre Santo António, como ilustra o painel azulejar, setecentista, existente na igreja crúzia.

De Coimbra seguiram caminho para Alenquer, onde foram recebidos pela infanta Dona Sancha, filha de Dom Sancho I e irmã de Dom Afonso II. Sabendo do propó-

<sup>16</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fols. III, r; IV, v; e *Esperança, Historia Serafica*, Tomo I, p. 287, col. b.

<sup>17</sup> *Fontes Franciscanas*, Braga, 1982, s.e., p. 129.

<sup>18</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. III, r.

<sup>19</sup> Lenda ou coincidência histórica viria a falecer primeiro a Rainha Dona Urraca.

<sup>20</sup> Os autores antigos defendem que os frades recusaram o alojamento oferecido pela Rainha nos seus paços. *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. IV, r; *Livro primeiro*, fol. CXXXIII, v, col.a. Contudo, Armando Martins defende que os franciscanos ficaram alojados no eremitério de Santo Antão, nos Olivais. (Martins, Armando Alberto, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, p. 394).

sito da sua missão, a princesa, antes de partirem, sugeriu, que adoptassem uma postura secular e se despojassem dos hábitos, de modo a evitarem possíveis confrontos violentos originados pelas diferenças religiosas.<sup>21</sup>

Em Lisboa, embarcariam em direcção a Sevilha, onde ocorreu a primeira pregação e o seu primeiro tormento físico em solo muçulmano. Ignorando os conselhos da princesa portuguesa, os frades franciscanos, enquanto decorria uma das cinco orações diárias, decidiram proclamar o Evangelho e denunciar a falsidade das revelações do profeta Maomé. Confrontados com tais insultos, os sarracenos, após os violentarem, entregaram-nos à justiça do emir.<sup>22</sup>

Declarando-se emissários do Rei dos Reis, do Senhor dos Senhores, Jesus Cristo, os frades dirigiram-se ao emir dizendo-lhe que

“por mandado do muy alto viemos a ty pera Saluaçam de tua alma, pois o defensor de uma preuersa Seita, e hos malauenturados seruidores do falso profeta [o] torpe Mafamede, iria ser submetido aos mais dolorosos castigos do Inferno, padecendo como Demonios penas e dores semfim.”<sup>23</sup>

Perante o ultraje, o emir, completamente irado, sobretudo quando foi aconselhado a baptizar-se, decidiu mandar executá-los.<sup>24</sup>

Entretanto, o príncipe herdeiro convenceu seu pai a submeter os missionários a julgamento, de acordo com os procedimentos da lei corânica, de modo a evitar conflitos com a comunidade cristã.<sup>25</sup> A punição acabaria por coincidir com os interesses do grupo evangelizador: a deportação para Marrocos. Dom Pedro Fernandez de Crasto, um nobre castelhano, tomando conhecimento do sucedido, rapidamente se disponibilizou para os acompanhar.<sup>26</sup>

### Os missionários franciscanos alcançam o seio do Islão

Chegados à cidade de Marraquexe, “Al Hamra”, a cidade vermelha, foram recebidos e acolhidos em residência do português Dom Pedro, irmão do rei Dom Afonso II e das devotas princesas Teresa, Mafalda e Sancha, “nobre mercenário” com funções militares na Corte do Sultão.<sup>27</sup> É durante o relato da estadia em casa do infante, que obtemos a primeira descrição fisionómica dos cinco franciscanos:

“E vëdoos da maneira que hiiã Se marauilhu muito, porque seus rostros herã magros cheos de rugas amarellas e como de homens mirrados, á pelle tinhã pegada nos ossos, os olhos metidos por dêtro que hera cousa desforme seu

<sup>21</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. IV, r, V, v.

<sup>22</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. VII, v e r; VIII, v.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, fol. VIII, v e r.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, fols. VII, v e r, IX, r, X, v; e; *Livro primeiro*, fol. CXXXV, v, col.a.

<sup>25</sup> *Esperança, Historia Serafica*, Tomo I, p. 28, col. b.

<sup>26</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. X a XIII; *Livro primeiro*, fol. CXXXV, v e r, e *Esperança, Historia Serafica*, Tomo I, p. 289, col. a.

<sup>27</sup> Entre os muitos autores consultados, citemos Antonio de São Caetano no *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres*, p. 23, que relaciona os serviços militares prestados por Dom Pedro ao Miramolim de Marrocos com as muitas dissensões (sobretudo de índole económica) tidas com o soberano português.

aspeito [...] os corpos herã curvados e postos em toda fraqueza [...] com que suas carnes herã quebradas e desbaratadas.”

Estas eram as marcas corporais resultantes das primeiras torturas físicas e privações alimentares a que tinham sido submetidos em Sevilha, assemelhando-se “em tudo o mais homens mortos ou que vieram do outro mûdo”<sup>28</sup>

Reveladores de tais castigos, os hábitos que envergavam, feitos de burel grosso cingidos por áspero cingulo, elementos definidores do próprio hábito franciscano, estavam “curtos, estreitos e cheos de remendos fora de toda arte e feiçam curiosa”.<sup>29</sup>

Uma vez alcançado o seu destino, procuraram, de imediato, cumprir a sua missão: a conversão do Islão paganizante. Descobrimo os intentos deste grupo de frades obstinados,

“sua tençam hera padecerẽ por elle martyrio e pregar a fé de Jesu Christo e seu sancto Euangelho pubricamente a tolos os infieis”

Dom Pedro suplicou que não cometessem tal ousadia, não só por temer pela sua vida como pela de todos os outros cristãos residentes.<sup>30</sup>

O episódio da “Decapitação dos Santos Mártires de Marrocos”, na iluminura proveniente do Mosteiro de Santa Cruz, actualmente na Biblioteca Pública Municipal do Porto,<sup>31</sup> e na pintura atribuída à oficina de Jorge Afonso, denota uma inerência particularizante do grupo de missionários “ad gentes”: o livro dos Evangelhos como um atributo evidente do propósito da sua missão: a missão evangelizadora.

Ignorando os avisos do príncipe português, os cinco frades decidiram continuar a prédica junto da população, até ao dia em que foram surpreendidos pelo próprio califa almóada Yusuf al-Mustansir,<sup>32</sup> conhecido por Miramolim de Marrocos.<sup>33</sup> Dom Pedro, ao tomar conhecimento do sucedido e ao temer represálias sobre a minoria cristã, mandou escoltá-los até Ceuta, de onde deveriam ser levados para territórios mais pacíficos.<sup>34</sup>

Obstinados com o propósito que os havia movido desde Assis, os religiosos antes de alcançarem a cidade de Ceuta conseguiram escapar. Novamente em Marraquexe, decidiram pregar no “souk”,<sup>35</sup> ganhando a atenção e a indignação dos muitos transeuntes. Perante o arrojo dos seus discursos arremessaram contra eles com grande cólera, rasgando-lhes as roupas e espancando-os violentamente “com bofetadas, blasfemias, & outros injuriosos martyrios.”<sup>36</sup>

<sup>28</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XIII, v e r.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, fol. XIII, r.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, fol. XIII, r.

<sup>31</sup> Esta obra situa o martírio além-mar, como se deduz pela representação do mar preenchido com quartos crescentes, a significarem, muito possivelmente, o território islâmico.

<sup>32</sup> Madahil, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. VI, e Esperança, *Historia Serafica*, Tomo I, p. 290, col. a.

<sup>33</sup> Miramolim, que significa o “Pai dos Crentes”, era um dos títulos conferidos aos califas e sultões muçulmanos. (Esperança, *Historia Serafica*, Tomo I, p. 290, col. a.)

<sup>34</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XIV, v.

<sup>35</sup> Mercado público organizado nas praças das cidades e povoações muçulmanas.

<sup>36</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XIV, r; e São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres*, p. 25.

Encontrando-se presente um príncipe mouro, Albozaide, o conselheiro do Sultão dirigiu-se a eles e perguntou qual o motivo do seu regresso após a expulsão ordenada pelo Miramolim, a que Frei Otto, com grande esforço (imaginemos que sim, pois, segundo as fontes, não dominava a língua árabe), respondeu “he que obedecemos a Deos mais q̃ aos homens.”<sup>37</sup>

Conduzidos ao cárcere, os frades iriam recomeçar a sua pregação, provocando a revolta dos outros prisioneiros, tendo sido os guardas obrigados a transferi-los para uma cela mais isolada:

“assi meos vivos os fizeram meter em outro carcere mais escuro cheo de bi-chas, çujo e fedorêto e privados de alimento, permanecendo ai vinte dias.”<sup>38</sup>

Acabariam por ser libertados e conduzidos à residência de Dom Pedro, que rapidamente organizou nova viagem para os conduzir, uma vez mais, a Ceuta.<sup>39</sup> Contudo, o seu destino estava marcado, pois ao ludibriar os companheiros do nobre português retornaram a Marraquexe para prosseguir com sua pregação, ainda que por pouco tempo, pois rapidamente foram apanhados por uma multidão furiosa.<sup>40</sup>

Permanecendo apenas um dia na prisão, os resolutos frades foram levados à presença do Miramolim de Marrocos, que ficara algo impressionado pela sua mórbida fisionomia. Julgando que estavam dispostos a pedir perdão pelos seus actos e palavras, o Sultão foi confrontando e acusado de idólatra por Frei Berardo.<sup>41</sup> Este episódio, que Flávio Gonçalves classificou como a “Disputa dos Mártires de Marrocos com o Miramolim”,<sup>42</sup> ficaria perpetuado na famosa arca-relicário dos Santos Mártires, executada, muito possivelmente, durante o abadessado de Dona Constança Soares (1290-1317),<sup>43</sup> pertencente ao Mosteiro de Lorvão e hoje guardada no Museu Nacional de Machado de Castro. É uma perfeita alusão à identificação de Berardo, o único conhecedor da língua árabe<sup>44</sup> e o interlocutor do grupo, ali figurado de rosto barbado e de cabeça descoberta, em atitude de manifesta reverência à autoridade do tirano.

Dom Pedro, intervindo junto do Sultão, conseguiu a sua libertação e integrá-los numa expedição militar. No regresso, o exército, composto por sarracenos e alguns cristãos, assistiu a um milagre operado por Frei Berardo, quando em pleno deserto fez brotar água em abundância. Saciada a sede dos homens e a dos animais a nascente voltou a secar.<sup>45</sup> Já em Marraquexe, o infante incumbiu os seus homens de viajarem os insubmissos frades e que sob, pretexto algum, os deixassem sair do

<sup>37</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XV, r, XVI, v; e *Livro primeiro*, CXXXVI, r, col.b.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, fols. XV, r; XVI, v, e *Livro primeiro*, fol. CXXXVI, r, col.b.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, fol. XVI, v.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, fol. XVI, v.

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, fols. XVI, r; XVII, v.

<sup>42</sup> Gonçalves, Flávio, “A Representação Artística dos «Mártires de Marrocos». Os mais antigos exemplares portugueses”, *Museu* (1963), p. 26.

<sup>43</sup> Correia Borges, Nelson, *Arte Monástica em Loroão. Sombras e Realidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002, vol. I, p. 465.

<sup>44</sup> Ramón Lull, influenciado pelo pensamento de São Ramón de Penyafort, defendera activamente o ensino das línguas orientais nas casas religiosas destinadas à evangelização.

<sup>45</sup> Ficou ainda registado, que durante o regresso, Frei Berardo venceu as várias disputas tidas com um sábio mouro com fama de místico. *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XVIII, v; XIX, v e r; e *Livro primeiro*, fol. CXXXII, v, col.a.

domicílio. Pouco ou nenhum efeito teve esta medida, pois os franciscanos, em “hũa sexta feira”, conseguiram fugir, com o objectivo de voltar às ruas da cidade e de “estabelecer a feè, & escrever a verdade della com seu sangue”.<sup>46</sup>

## O princípio do fim

Detidos uma vez mais, foram levados à presença do Miramolim, “cõ as mãos atadas e tam ensaguentadas e cheos de chagas dos cruéis açoutes e tormêtos”, pensando que os conseguiria demover do ousado propósito que os havia trazido ao seu reino. Perante a audácia manifestada, o Sultão ordenou que fossem então entregues à justiça do povo que eles tanto desejavam converter.

Os missionários italianos, agrilhoados e despojados de suas roupas, foram violentamente agredidos

“cõ pancadas e punhadas lhe ãbrarão os narizes e lhe banharã suas feridas e chagas cõ sal e vinagre [e com azeite feruente<sup>47</sup>] e os fizerã adar cõ os pees nuus por cima de pedaços de vidro [e de telhas quebradas<sup>48</sup>] e açoutados com grande crueldade<sup>49</sup> enquanto lhes dezião muytas injurias palauras”.<sup>50</sup>

Ainda não satisfeito, o algoz ordenou que os arrastassem pelas ruas da cidade, ficando apartados da carne os ossos.<sup>51</sup>

Na audiência seguinte, o Miramolim, esclarecido por um grupo de conselheiros próximos, mandou-os chamar à sua presença e ofereceu-lhes riquezas, honras titulares e até raparigas virgens para renunciarem à Fé Cristã. Mas os cinco religiosos, “mais mortos que viuos”, recusaram.<sup>52</sup>

Amiudadamente informado dos desacatos provocados em virtude das blasfêmias proferidas, que apesar de feridos não cessavam, o Sultão, num rasgo de fúria, ordenou que fossem condenados à pena capital.<sup>53</sup>

No dia seguinte, 16 de Janeiro de 1220, um Sábado, “o Emperador se rezolveo a mandalos vir à sua prezença, & trazendoos nus, apedrejados pelo caminho, & mal tratados de outras crueldades entraram no Paço.”<sup>54</sup>

Já no pátio do palácio real, um súbdito entregou-lhe a cimitarra.<sup>55</sup> Vigiados por uma multidão estavam os frades, possivelmente despojados das roupas, postos de giolhos “cõ as mãos e spũs aleuantadoas ao ceo”,<sup>56</sup> a aguardar pela morte, quando o

<sup>46</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XIX, r, e São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriozos Martyres*, p. 31.

<sup>47</sup> *Esperança, Historia Serafica*, p. 291, col. b.

<sup>48</sup> *Livro primeiro*, fol. CXXXVIII, r, col.a, e *Esperança, Historia Serafica*, p. 291, col. b.

<sup>49</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XVI, v; e Rosrio, *Flos Sanctorum*, p. 169, col. a.

<sup>50</sup> Lisboa, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores*, fol. 133, r.

<sup>51</sup> São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriozos Martyres*, p. 34.

<sup>52</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XVII, r; XVIII, v; *Livro primeiro* [...] 1566, fol. CXXXIX, v e r; e Lisboa, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores*, fol. 132, r.

<sup>53</sup> *Livro primeiro*, fol. CXXXVIII, r, col.b; *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XIX, r; XX, v, e *Esperança, Historia Serafica*, p. 292, cols. a e b.

<sup>54</sup> São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriozos Martyres*, p. 56.

<sup>55</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XX, v.

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, fol. XX, v.

Miramolim vociferou: “Eu vingarey com minha propria mão, as injurias ã estes pe-ruersos e malauenturados disseram contra nossa sancta lei, e pois nam quiseram aceytar a misericórdia, sentyram a yra de Deos”<sup>57</sup>. E num instante “a todos hũ e hũ lhes cortou as cabeças polo meo da testa”.<sup>58</sup>



*Decapitação dos Santos Mártires de Marrocos*

Autor desconhecido, século XVIII – Baixo-relevo policromado e dourado  
Igreja das Santas Justa e Rufina, Coimbra

Continuando a descrição deste dia fatídico, conta o cronista que

“jazêdo seus corpos no chão nã contête nẽ farto daq̃lla crueldade cõ dobrada furia pedio outras duas espadas e cõ todas tres e os degolou hu apos outro, fazendo nelles hũs golpes crueys e muy feos, de ã sayo aq̃lle precioso sãgue encurrando e lavando a terra do pateo.”<sup>59</sup>

Chegara assim ao final a missão deste grupo de franciscanos martirizados ao procurarem a conversão dos muçulmanos de Marrocos. A sua bem-aventurança ecoou

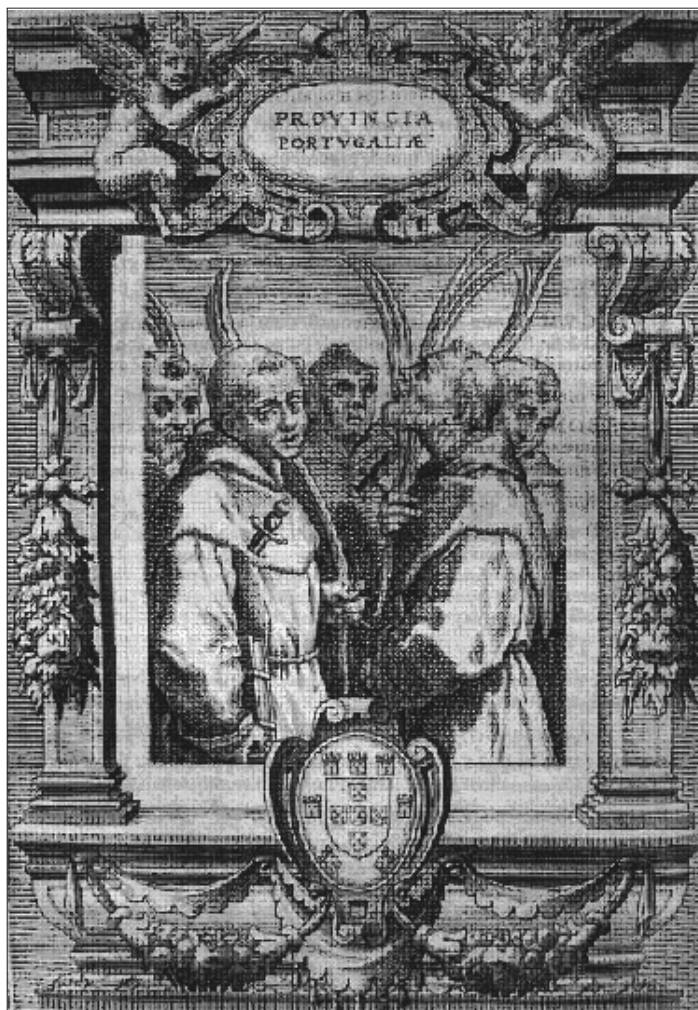
<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, fol. CXXXIX, r, col.b.

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, fol. XX, v.

<sup>59</sup> Neste mesmo instante, às onze horas do dia 16 de Janeiro, apareceram os frades a anunciar o seu martírio a Dona Sancha, que se encontrava em Alenquer. *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XX, v, *Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, fol. CXL, v, col.a.; e, *Esperança, Historia Serafic*, p. 292, col. b.

por toda a Cristandade,<sup>60</sup> influenciando as grandes personalidades religiosas do tempo como São Francisco, que terá pronunciado:

“Agora sim tenho cinco companheiros”, ou Santa Clara e Santo António,<sup>61</sup> manifestando ambos a intenção de se dirigirem para o Norte de África para alcançar igual graça divina.



*Os Mártires de Marrocos como padroeiros da Província Franciscana de Portugal*

Gravura de autor desconhecido, século XVI

Fonte: Gonzaga, *De origine Seraphicae Religionis Frãscane*, p. 792

<sup>60</sup> Após a morte dos primeiros cinco mártires, viriam a registar-se outros martírios em Marrocos, na cidade de Ceuta, envolvendo sete frades da Ordem Franciscana. (*Tratado da vida & martyrio dos cinco Mártires de Marrocos* [...] 1568, fol. XXVIII, v e r; e; *Livro primeiro*, fols. CXLIII e CXLIV).

<sup>61</sup> O cônego crúzio, Fernando Martins de Bulhões, após o contacto com as relíquias dos Proto-Mártires viria a abandonar a Regra de Santo Agostinho e adoptar a Franciscana, ficando célebre no patamar dos eleitos de Deus como Santo António de Lisboa ou de Pádua.

## *Os despojos do martírio*

### **Um proscénio de sangue**

Foi aquele sublime registo de fé, o exacto momento do sacrifício, como normalmente se verifica na iconografia daqueles que entregam a sua vida por Cristo, o episódio predilecto para as representações iconográficas dos Cinco Mártires de Marrocos.

A linguagem estética e formal, profundamente peremptória, mostrando os horrores dos suplícios incutidos, traduz nas composições pictóricas ou escultóricas uma profunda e nítida feição dramática, cujo efeito é pretendido para transmitir a importância da convicção na plena obediência aos planos de Deus, mediante a própria colaboração do artista sintonizado com a tarefa de sensibilizar, catequizando assim os fiéis e as gerações vindouras.

O comportamento gestual explicita bem as modalidades da simbologia evocada para transmitir a densidade do acto do martírio e o vasto sentimento que animava cada um dos frades nesses instantes últimos da vida terrena: de pé e ajoelhados, com os braços abertos, em atitude orante, numa tensão que se revela premente ou com as mãos colocadas sobre o peito, realçando a piedade obediente ao que estava para acontecer. Conforme sobressai da expressão psicológica transmitida pelos cronistas, verifica-se um notável acentuar da exacerbação mística, cujo teor vem expressamente alentado pela disposição serena face ao testemunho vivido em suprema graça divina.

Ainda que a maioria das figurações os apresentem trajando hábito, julgamos que no momento do seu padecimento estivessem despojados dele, envergando, muito possivelmente, apenas as bragas, como se verifica no relicário quinhentista patrocinado pela Abadessa Dona Catarina d'Eça.<sup>62</sup>

Embora nem por isso seja demasiado incisivo, podem captar-se os vários momentos do flagelo, em particular, quando se verificam processos tendentes à visualização desse acto trágico, mostrando um, dois ou vários já decapitados, ou o que se terá passado até à execução do último,

#### *Decapitação dos Santos Mártires de Marrocos*

Gravura. G.F.L. Debricino, 1752

Fonte: Joaquim da Encarnação,

*Notícia dos Santos Protectores de Coimbra*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1761.



<sup>62</sup> Peça depositada no Museu Nacional de Machado de Castro.

numa manifesta liberalidade por parte dos artistas. Assim, o sangue derramado pela Fé, semente de Cristãos como defendia Tertuliano, foi o único indício dos tormentos físicos padecidos, sempre em atitude de profundo misticismo e aceitação.<sup>63</sup>

Os golpes na frente e no pescoço, como ilustra a pintura a óleo sobre madeira dos “Santos Mártires de Marrocos”, representada num retábulo do Convento de Santa Clara a Nova,<sup>64</sup> a decapitação e as lâminas ensanguentadas são o quanto subsiste captado da oferta generosa, pela parte cristã, face à barbárie dos muçulmanos,<sup>65</sup> que os tratam com total desprezo, pegando-lhes pelos cabelos para os exhibir como troféus. Entretanto, as coroas e as palmas do heróico martírio trazidos pelos anjos-mensageiros acentuam o carácter divino, que une à falange dos sacrificados à Igreja triunfante, como retratou Pascoal Parente na tela da igreja de Santo António dos Olivais, em 1761.

Os cadáveres dos religiosos franciscanos, mostrados à população como prova do desrespeito manifestado contra o profeta Maomé, e que lhes havia merecido o “Alhudad”, o castigo prescrito para semelhante delito, acabariam por ser ainda barbaramente trucidados, pois os

“Mouros como vião os corpos e cabeças forã como cães raiuosos remeterã a elles e lhe atarã cordas nos pés e braços e arastro pelas ruas e os lãçarã fora da cidade e assi os trouxerã ao redor dos muros cõ grades pregões, alaridos e gritos.”

Segundo as crónicas, este bárbaro espectáculo terá durado várias horas.<sup>66</sup>



*Decapitação dos Santos Mártires de Marrocos*

Pascoal Parente, 1761  
Óleo sobre tela  
Igreja de Santo António dos Olivais,  
Coimbra

<sup>63</sup> O português Miguel Farias, investigador de neurociência da religião pela Faculdade de Teologia da Universidade de Oxford, concluiu, a partir de recentes ensaios científicos desenvolvidos, que os devotos toleram melhor a dor do que agnósticos. “Temas”, *Público*, (21 de Outubro de 2008).

<sup>64</sup> É provável que o retábulo seja oriundo do vizinho e devoluto Convento de São Francisco de Coimbra.

<sup>65</sup> Na maior parte das representações artísticas, o Miramolim foi, normalmente, representado de acordo com os padrões da indumentária islâmica, de gosto orientalizante, vestindo a “djalaba”, presa por alfrês, o turbante ou “tarbush”, com o respectivo “kefyeh”, e empunhando a cimitarra, alfange de origem turca, com lâmina curva. Contudo, noutras representações, as mais antigas, houve uma nítida contaminação com os modelos ocidentais, segundo as inerências da condição social dos reis e príncipes europeus.

<sup>66</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XX, v e r; e; São Caetano, *Breve*, p. 40.

## O compromisso bendito

Antes da sentença ser cumprida, Dom Pedro havia solicitado a permissão para os inumar junto de outros cristãos, mas, no desenrolar dos acontecimentos, tal pedido não foi satisfeito.<sup>67</sup> Assim, o Infante na companhia de outros companheiros, entre eles Martinho Afonso Tello, seu sobrinho, e Dom Pedro Fernandez de Crasto, o nobre castelhano que acompanhara os frades desde Sevilha, tentou recuperar os cadáveres durante a noite. Contudo, a equipa de resgate não seria completamente bem sucedida, pois acabaria por ser atacada no local por populares eufóricos, vindo Martinho e Pedro a falecer.<sup>68</sup>

Os Infiéis, percebendo o propósito da comunidade cristã na recuperação dos cadáveres dos Santos Mártires, fizeram

“hua grãde fogueyra, e ajudaram os pedaços daqueles corpos e hos deitaram nella pera de todo se gastare e fazere em cinza”.<sup>69</sup>

Foi este um dos episódios mais evocados em Santa Cruz no dia da sua festa, quando se relembra que, por intercessão divina, as cabeças cortadas dos Mártires tinham resistido às chamas.<sup>70</sup>

Recuperada a maior parte dos cadáveres por mouros e cristãos, os primeiros por dinheiro e os segundos por devoção, o infante ordenou a João Roberto, cónego do Mosteiro de Santa Cruz e seu capelão privado, auxiliado por três moços,<sup>71</sup> que procedesse à emundação das ossadas (à exceção dos crânios), através da sua cozedura, processo que facilitou a descarnação das mesmas.<sup>72</sup> Devidamente secas ao sol no eirado da residência do infante, como ficou escrito, as relíquias foram acondicionadas para a suportar a longa viagem até Portugal, sendo por isso envolvidas em tecido e colocadas dentro de duas arcas, numa os crânios “com a carne seca”, e na outra os restantes ossos “limpos da carne, tudo com bálsamo, e cheiros”.<sup>73</sup>

Contudo, o flagício cometido pelo Miramolim, autoridade responsável pelo desfecho a que foram sentenciados, seria cruelmente punido, quando, nesse mesmo ano de 1220, sofreu uma “grande paralesia [...] na parte direyta q̃ toda ella dalto abaixo, braço e mão direyta cõ que matou os Inocêtes e todos os mēbros atee o pe direyto daq̃lla banda”,<sup>74</sup> abatendo-se ainda sobre a cidade um longo período de seca e peste.<sup>75</sup>

<sup>67</sup> *Livro primeiro*, fol. CXXXVIII, r, col.b.

<sup>68</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XX e XXI.

<sup>69</sup> *Idem*, *ibidem*, fol. XXII, v.

<sup>70</sup> *Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, fol. CXL, v, col.b.

<sup>71</sup> Um deles era Estêvão Pires Margarido, natural de Santarém. *Livro primeiro*, fol. CXL, r, col.b.

<sup>72</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XXII, v, e *Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, fol. CXL, r, col.a.

<sup>73</sup> Lisboa, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores*, fol. 135, r, e Encarnação, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, p. 56.

<sup>74</sup> Segundo o registo apontado teria o sultão sofrido um acidente vascular cerebral, tendo ficado hemiparético? *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XX, v e r.

<sup>75</sup> O mesmo cronista menciona que, perante as calamidades registadas no reino de Marrocos, o sultão foi advertido a pedir perdão pelo assassinato dos cinco frades, e no momento em que o fez começou a chover. *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XXVII, r.

Conduzidas até ao reino de Leão, Dom Pedro encarregaria, em Astorga, o cavaleiro Afonso Pires, de Arganil, de ir pessoalmente à capital do Reino entregar as relíquias na igreja catedralícia,<sup>76</sup> onde chegou entre Novembro e Dezembro de 1220, vindo pelos Campos do Bolhão.<sup>77</sup>

Foi nesta data que ocorreu o célebre “Milagre da Burra”. O animal que transportava as duas arcas ficou imóvel diante da igreja monástica de Santa Cruz e, abrindo-lhe as portas, dirigiu-se para o altar onde permaneceu até as apearem.<sup>78</sup> Perante esta situação, as relíquias, que deveriam ser entregues na principal igreja de Coimbra, ficaram depositadas desde então no mosteiro crúzio,<sup>79</sup> facto que viria a contribuir para a degradação das relações entre as instituições.

---

### Os registos da Fé

---

Algumas das relíquias foram colocadas para veneração dos fiéis no altar da capela que Dom Afonso II mandara erguer na igreja de Santa Cruz, sendo as restantes depositadas “em outro moimento” colocado “na parede do claustro grande”,<sup>80</sup> que se chama do silencio,<sup>81</sup> do flanco correspondente à galeria sul, o qual ainda “mostr[ava em 1566] a historia de seo martirio, feito de meyo relevo da mesma Pedra”.<sup>82</sup>

Extraviado o primitivo relicário pétreo, o local ficaria assinalado por um painel azulejar, da segunda metade do século XVIII, onde se inscreveu a seguinte inscrição “HIC. REQUIEVERUNT. OSSA. SS. QUINQUE. MARTYRUM. MARROCHII. OCCISORUM”.

Porém, quando o relicário foi aberto alguns anos antes, em 27 de Abril de 1613, verificou-se que se encontrava vazio.<sup>83</sup> Acreditamos que as relíquias tenham sido daí recolhidas anos antes, colocadas numa outra arca-relicário e depois transportadas para o célebre Santuário do Mosteiro de Santa Cruz.<sup>84</sup>

<sup>76</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XXII a XXIV, v, Madahil, *Tratado da vida e Martirio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 57; e; Esperança, *Historia Serafica*, pp. 293 a 295.

<sup>77</sup> Frei Manoel da Esperança data a entrega das relíquias nos inícios do mês de Novembro, quando faleceu Dona Urraca, enquanto no *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, o autor aponta o dia 10 de Dezembro. Esperança, *Historia Serafica*, p. 294, col.b, e *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XXIV e XXV.

<sup>78</sup> Na verdade, torna-se necessário relembrar, que João Roberto, capelão privado de Dom Pedro era proveniente da congregação de Santa Cruz de Coimbra. São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres*, fols. v e r.

<sup>79</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos* [...] 1568, fols. XXIV e XXV.

<sup>80</sup> Contudo, o testemunho deixado por Dom Nicolao de Santa Maria acerca das relíquias (*metidas em a parede da Capella mor à parte do Evangelho*), pode levantar algumas dissonâncias acerca da sua localização no claustro do Silêncio, sobretudo, se acrescentarmos que a arca-relicário de Lorrão estava acondicionada na “ylhargá do altar mor do dito moesteyro da parte do Euãgelho”. Madahil, *Tratado da vida e Martirio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 79; e Santa Maria, Nicolao de, *Chronica da Ordem dos Cônegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, tomo II, Lisboa, Oficina de Ioam da Costa, 1668, p. 258, col. a.

<sup>81</sup> Esperança, *Historia Serafica*, p. 295, col. b.

<sup>82</sup> *Livro primeiro*, fol. CXLII, v, col.a, e Mártires, Timóteo, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Biblioteca Municipal de Coimbra, Coimbra, 1955, Tomo I, p. 63 e 64.

<sup>83</sup> Códice n.º 29, localizado por Rocha Madahil na Biblioteca Municipal Pública do Porto. (Madahil, *Tratado da vida e Martirio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 117.

<sup>84</sup> *Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, fol. CXLII, v, col.a; Mártires, *Crónica de Santa Cruz*, pp. 63 e 64; e; Madahil, *Tratado da vida e Martirio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 57.

Na verdade, há registo que o Prior de Santa Cruz, Dom Gomes Ferreira, responsável pela revitalização do seu culto nos finais da primeira metade do século XV, mandou executar uma “grãde, & formosa arca de prata mui bem laurada, para depositar o preciozo thesouro das sagradas relíquias”.<sup>85</sup> O receptáculo, “hum cofre de cedro, vestido de prata”<sup>86</sup> ornamentado com o “martyrio dos Santos sinco Martyres de Marrocos com arte marauilhosa [...] em figuras de meyo releuo, com tantos lauores, & palmas, que excede o feitio ao valor da prata”, foi executado pelo ourives João Rodrigues,<sup>87</sup> em 16 de Janeiro de 1440, data em que se procedeu à solene trasladação das relíquias.<sup>88</sup> Ao fim de dezoito anos, a 10 de Dezembro de 1458, a arca-relicário seria colocada na capela do Apóstolo Santo André para adoração dos fiéis.<sup>89</sup> “E com a fama que per todo reyno correo e fora delle destas sanctas reliquias e seus milagres”<sup>90</sup> muita gête vinha a ellas em romaria a pedir saude e consolaçam espiritual e corporal em suas necessidades o que todos alcãçavam”, cegos, surdos, aleijados, pestilentos ou endemoninhados.<sup>91</sup>



#### **Busto-Relicário dos Cinco Mártires de Marrocos**

Autor desconhecido, 1510 – Prata, seda, vidro (e ossos)  
Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra

<sup>85</sup> Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Cônegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, p. 258, col. a.

<sup>86</sup> Esperança, *Historia Serafica*, p. 295, col. b.

<sup>87</sup> A arca custou oitenta marcos de prata como esclarece António Gomes da Rocha Madahil. Madahil. *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 121.

<sup>88</sup> Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Cônegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, p. 69, col. b. Contudo, Esperança, na sua *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco*, p. 295, col. b, informa que o relicário foi executado em 1459.

<sup>89</sup> Infelizmente, assim como tantas outras alfaías culturais, a urna-relicário de prata quatrocentista desapareceu, muito possivelmente no século XIX, ou durante o saque perpetrado durante as Invasões Francesas ou no seguimento da extinção das Ordens Religiosas. Actualmente as relíquias encontram-se acondicionadas numa arca-relicário, de madeira, policromada e dourada, executada na segunda metade do século XVIII, aquando da renovação espacial e estética do Santuário crúzio. (Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Cônegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, p. 69, col. b).

<sup>90</sup> No *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fols. XXVIII a XXXI, foram referidos dezoito milagres, ocorridos, sobretudo, no termo de Coimbra.

<sup>91</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XXV, r. Como sinal de agradecimento pela intercessão dos Santos Mártires, no ano de 1773, Anrique Pereira mandou executar um *ex-voto*, que se encontra em Santa Cruz.

Certamente, estavam ainda em exposição, no mesmo retábulo, os “dous meynos corpos de prata dourados com duas cabeças dos gloriosos Martyres de Marrocos [...] ainda com carne, pelle, & cabelos dos circilhos, como se forão viuos”.<sup>92</sup>

Os relicários ainda hoje permanecem em Santa Cruz, mas cremos que foram acrescentados mais alguns ossos. Na sacristia existiam ainda “alguns pedaços de taboas, ferros, & couto dos caixões, em que vierão” as relíquias, “hũ osso” que se dava a tocar aos enfermos e ainda a famosa casula, feita a partir do tecido em que foram envolvidas as ossadas em Marrocos, utilizada nas funções litúrgicas mais solenes em sua memória.

Detentores do “preciozo thesouro”, os Cónegos Regrantes de Santa Cruz, além das relíquias que foram oferecidas por Dom Afonso II à sua irmã Dona Sancha, Abadessa do Mosteiro do Lorvão,<sup>93</sup> iriam distribuir pelas casas irmãs outras tantas. Como assevera Frei Manoel da Esperança:

“Os mosteiros principais da mesma Religião alcançarão sua parte das cabeças. Alguns da nossa província, como nelles declaramos, participão dos seus ossos; & o de Valhedolid possui tres instrumentos do glorioso martírio: a saber hum azorrague, hum alfange, hum pentem d’osso, com o qual lhes foi rasgada a carne.”<sup>94</sup>

Curiosamente, estas relíquias são, à excepção de uma corda que fora enviada para o convento franciscano de Gouveia, os únicos instrumentos de tortura conhecidos, adquirindo assim, especial singularidade perante as demais.

Entre as casas da Congregação de Santa Cruz contempladas com os remanescentes despojos dos Proto-Mártires, contavam-se o Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, dotado com um crânio, encastado “em hum meyo corpo de prata”,<sup>95</sup> de “hũ bõ pedaço de canella de hũa perna cõ o joelho e hũa costa[costela?] quasi inteira”; o Mosteiro do Salvador de Grijó, com “hũa cabeça, ou parte della”; o Mosteiro do Salvador da Serra de Vila Nova de Gaia, com uma “meia cabeça dos esclarecidos Martyres” colocada em “hum meio Corpo de prata”,<sup>96</sup> e o Mosteiro do Salvador de Moreira da Maia, com “hũ pedaço de hum osso”.<sup>97</sup>

Feita a relação das relíquias cedidas, importa recordar que existindo dois crânios em Santa Cruz e outro em Lorvão, os restantes foram, muito possivelmente, fragmentados, pois só assim se justifica a existência de outros pedaços nos respectivos mosteiros da Ordem. Na verdade, Frei Joaquim da Encarnação assim o explicita ao

<sup>92</sup> Os relicários pesavam “com seus cadeados, & chaves vinte & tres marcos de prata, & seis onças”, e possuem uma inscrição repartida pelos dois bustos:

“estes dos bultos mādou fazer gaspar fernandez p.<sup>or</sup> crst de Santa Cruz p mādado do bpo da goarda p.<sup>or</sup> [relicário I] mor do dito m.<sup>to</sup> a hora a louvour dos cyque m.<sup>tes</sup> q̃ iaze sepultados e o ditõ m.<sup>to</sup> fazeraose na era de mil e quinhetos e dez anos”. Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, p. 69, cols. a e b; 258, col. a; e; *Livro primeiro*, fol. CXL, r, col.a, e Encarnação, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, p. 55.

<sup>93</sup> *Livro primeiro*, fol. CXLII, v, col.a; Mártires, *Crónica de Santa Cruz*, pp. 63 e 64, e Madahil, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 57.

<sup>94</sup> Esperança, *Historia Serafica*, pp. 295, col.b; e 296, col.a.

<sup>95</sup> Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, p. 150, col. a.

<sup>96</sup> São Caetano, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres*, pp. 74 e 75.

<sup>97</sup> Esperança, *Historia Serafica*, p. 420, cols. a e b; Encarnação, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, p. 59; e; Madahil, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, pp. 79 e 80.

enumerar, detalhadamente, que existia na casa de São Vicente “huma cabeça inteira, parte de outra no da Serra do Porto, e hum queixo no de Grijó”.<sup>98</sup>

Para as casas monásticas e conventuais das outras Ordens Religiosas, sobretudo as franciscanas, foram enviadas também algumas relíquias, certamente muito poucas. No mosteiro de Setúbal, onde existia “hum thesouro de inestimavel preciosidade, & valor em muytas, & diversas Reliquias”, inclusive de São Francisco e de Santa Clara, não havia conhecimento de alguma pertencente aos Santos Mártires de Marrocos,<sup>99</sup> e as que subsistiam nos mosteiros da Madre de Deus (“sinco ossos grandes dos sinco Martyres de Marrocos”) e de Nossa Senhora da Esperança, ambos em Lisboa, tinham sido oferecidas pela Rainha Dona Catarina, esposa de Dom João III.<sup>100</sup>

Mas antes de concluir este assunto torna-se pertinente aludir novamente as relíquias outrora localizadas no mosteiro cisterciense de Lorvão.

Uma das matérias, que mais controvérsia gerou no seio do culto dos santos, mártires e beatos, prende-se com a autenticidade de grande parte das suas relíquias colocadas à veneração dos fiéis.

De acordo com a crónica mais antiga conhecida, *Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, impresso em Lisboa no ano de 1566, os despojos oferecidos a Dona Sancha, entre 1220 e 1223, eram “reliquias inteiras de hum destes cinco martyres<sup>101</sup>: una de las cabeças com buena porcion de carne, y huessos”,<sup>102</sup> acondicionados na arca-relicário de pedra, substituída no século XVIII por uma de prata,<sup>103</sup> em dois cofres, num receptáculo, “de latão com franja de prata”, e num “grande relicario de prata dourado em forma de Oratório guarnecido de pérolas com as armas dos Essas no reverso”.<sup>104</sup> Através da relação dos cinco crânios de santos e beatos existentes na igreja monástica de Lorvão constatamos que existe um não identificado, pertencerá a um dos Santos Mártires?<sup>105</sup> Julgamos, que no seguimento da extinção das Ordens Religiosas e do saque perpetrado pelos liberais, a “cabeça de hum dos sincos Sanctos de Marrocos metida em hum cofre de prata guarnecido de

<sup>98</sup> Encarnação, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, p. 59.

<sup>99</sup> Soledade, *Historia Seráfica*, pp. 438 e 439.

<sup>100</sup> Idem, *ibidem*, p. 70, col. b. Na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, encontram-se cinco busto-relicários já espoliados das suas relíquias, e no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, um relicário portátil, que pertencera ao infante Dom Fernando, pai de Dom Manuel I, ainda com as respectivas partículas santas.

<sup>101</sup> *Livro primeiro* [...] 1566, fol. CXLII, v, col.a.

<sup>102</sup> Cornejo, *Chronica Seraphica*, p. 292, col.b.

<sup>103</sup> Durante o abadessado de Dona Eugénia Jacinta de Vasconcelos (1748-1751) retirou-se “o caixão q̃ tinha os ossos, dos S.<sup>tos</sup> M.M. de Marrocos e os vio toda a comunid.<sup>ª</sup>, e se tirarão do caixão de pedra em q̃ estavao, e se puzerão em hũ de prata na sancristia donde se guardão, e o de Pedra, esta no claustrinho novo donde se venerão”.

Certamente as despesas anotadas em 1752 no *Livro dos Ricibos dos Juros q̃ se pagão a Sanchristia*, referentes à aquisição de um cofre e ao douramento de um “caixão q̃ tem as Reliquias dos S.<sup>tos</sup> Martiris de Marrocos”, no valor total de quatro e mil e seiscentos réis, estão relacionadas com a trasladação feita no ano anterior por ordem da Abadessa Dona Eugénia de Vasconcelos. (Correia Borges, *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*, pp. 582 e 614). Acreditamos que as relíquias retiradas da arca de prata, expropriada pelo Estado no século XIX, terão sido trasladadas para um pequeno cofre, de madeira, hoje guardado “no núcleo museológico da igreja monástica de Lorvão”.

<sup>104</sup> Correia Borges, *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*, pp. 557, 627 e 628.

<sup>105</sup> O inventário realizado em 1722 menciona, além do crânio de um dos Mártires de Marrocos, a “Cabeça Sancta” do Abade João; uma cabeça do Mártir São Clemente, uma de Mártir Santo Eusébio, com “rede de ouro”, e outra pertencente às Onze Mil Virgens, todas elas ainda existentes na antiga igreja monástica lorvanense. (Correia Borges, *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*, pp. 566 e 557).

vidraças”,<sup>106</sup> tenha sido retirada e acondicionada num qualquer recipiente, para que a peça de arte devocional fosse arrolada e encaminhada para a fundição em Lisboa, como aconteceu por todo o país.

Contudo, na obra de Frei Manoel da Esperança, o autor, mencionando a certidão de autenticidade da abertura da arca-relicário de Lorrão, de 9 de Maio de 1515, na presença da Abadessa Dona Catarina d’Eça<sup>107</sup> e do Notário Apostólico e Cónego da Sé de Viseu, Dom João Rodrigues, revela que, quando os dois presentes colocaram

“as mãos em o dito reliquario, encontraram a quantidade de dous corpos e delles tiramos hua relyquia de oso pera levar ao dicto mosteiro de santo spiritus de gouuea e houtra pera ficar em o dito mosteiro de loruão”.<sup>108</sup>

Esta informação não é assim tão controversa quanto se possa imaginar, uma vez que no apêndice da *Repartição dalgũas reliquias destes sanctos do Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, é mencionado que Dom Sancho II “lhe deu dous corpos [...] os ossos delles cõ duas cabeças e hũ baraço cõ q̃ forã arastrados ã Marrocos”.<sup>109</sup>

A abertura, autorizada pelo Núncio Apostólico António Pucci,<sup>110</sup> aos 30 dias de Abril de 1515,<sup>111</sup> permitiria a Dona Catarina cumprir o seu desejo de presentear com uma relíquia a comunidade dos Menores Conventuais do Mosteiro do Espírito Santo de Gouveia,<sup>112</sup> guardiã das sepulturas de seu pai e dos seus três irmãos.<sup>113</sup> Contudo, no inventário realizado, entre os artefactos concedidos e colocados num altar dedicado aos Mártires de Marrocos, constava uma “hum osso de hũa cadeira”,<sup>114</sup> ou seja, da anca, e “hũa das cordas, com que forão arrastados em Marrocos”.<sup>115</sup>

O mesmo cronista franciscano menciona ainda o relicário mandado executar por Dona Catarina, onde fora incrustada a relíquia óssea, do qual faz uma interessante descrição:

“Era de prata, quasi em forma quadrada, dourado, & guarnecido com vinte & hũa pedras, todas com gravões de aljófar; na face dianteira hũa vidraça, pela qual se via bem a Reliquia.”<sup>116</sup>

A partir do testemunho deixado, e, sobretudo, pelos materiais utilizados e pelas semelhanças físicas com o relicário que pertencia ao Mosteiro do Lorrão, hoje de-

<sup>106</sup> Correia Borges, *Arte Monástica em Lorrão. Sombras e Realidade*, pp. 557, 627 e 628.

<sup>107</sup> Abadessa vitalícia entre 1472 e 1521. Correia Borges, *Arte Monástica em Lorrão. Sombras e Realidade*, p. 648.

<sup>108</sup> Esperança, *Historia Serafica*, Tomo I, p. 295, col. a, e Tomo II, p. 645, col.b; e; Correia Borges, *Arte Monástica em Lorrão. Sombras e Realidade*, p. 154.

<sup>109</sup> Madahil, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, p. 79

<sup>110</sup> Dias Barbosa, David Sampaio, “Nunciatura de Lisboa”, *Dicionário de Historia Religiosa de Portugal*, Tomo J-P, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001, p. 311, col.a.

<sup>111</sup> Esperança, *Historia Serafica*, Tomo II, p. 645, col.b.

<sup>112</sup> *Livro primeiro*, fol. CXLII, v, col.a, e Soledade, *Historia Seráfica Chronologica da Ordem de S. Francisco na provincia de Portugal*, Tomo III, p. 37.

<sup>113</sup> Esperança, *Historia Serafica*, Tomo II, pp. 646 e 647.

<sup>114</sup> Esta relíquia era mostrada às populações de Gouveia e de Vinhó no dia da festa dos Santos Mártires. (Esperança, *Historia Serafica*, pp. 645, col.b. 649, cols. a e b).

<sup>115</sup> Esperança, *Historia Serafica*, p. 295, col. a, e Cornejo, *Chronica Seraphica*, p. 292, col.b.

<sup>116</sup> Contudo, “ouve nesta idade hum Guardiã caprichoso, & pouco considerado, que a passou desta Custodia rica a hum pobre meio corpo de madeira. A tenção seria boa, porem não o foi a obra, & bastava pera ficar reprovada, parecer o santo Osso agora mais pequeno do que era”. Esperança, *Historia Serafica*, Tomo II, pp. 645, col.b e 646, col. a.

positado no principal museu de Coimbra, acreditamos que o receptáculo fora executado, entre 30 de Abril e 29 de Maio de 1515,<sup>117</sup> pelos mesmos ourives: Henrique e António Domingues.<sup>118</sup>

Obviamente, não ignoramos o facto de que muitas das relíquias ainda não foram registadas ou localizadas, mas, dada a facilidade da sua obtenção e considerando ainda as auferidas por contacto, é provável que atinjam a ordem das muitas dezenas.

As relíquias ósseas, que se encontram actualmente depositadas no Mosteiro de Santa Cruz, foram estudadas, em Janeiro de 2005, no Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, sob a supervisão da Professora Doutora Eugénia Cunha.<sup>119</sup> Os resultados alcançados pela antropóloga forense revelaram-se surpreendentes, pois alguns dos ossos, correspondentes a três dos cinco franciscanos, apresentam algumas marcas físicas resultantes das atrocidades e suplícios cometidos contra os frades, em vida e “post mortem”.

Esta análise foi ainda deveras importante para aniquilar uma falsa hipótese surgida durante o episcopado de Dom Manuel Luís Coelho da Silva, a propósito da possibilidade de existirem alguns ossos de animais a par dos verdadeiros.

Examinando detalhadamente os diferentes textos verificamos que a recolha dos cadáveres dos Cinco Proto-Mártires ocorreu num cenário quase dantesco, de “noite e já escuro [...] ao lume dos relampados do ceo”, bombardeados por uma chuva de pedras arremessadas pelos populares enfurecidos, e só por “muy grande milagre”, os mais ousados “acharam muytas reliquias dos sãctos martyres”.<sup>120</sup>

Na verdade, muito dificilmente teriam sido recolhidos todos os “pedaços” dos cadáveres, não só pelas más condições de visibilidade quando foram alcançados, como pelo facto de terem sido, por ordem do chefe maometano, violentamente “espedaçados e espalhados por diuersas partes, ê lugares torpes, ê immundos da Cidade, ê fora della”,<sup>121</sup> “per que as aves os comessem”.<sup>122</sup>

---

## Epílogo

---

A história dos Proto-Mártires, os “Athletas do Evangelho, que forão a Marrocos buscar a corôa do Martyrio”,<sup>123</sup> marcadamente vincada de imagens simbólicas entre o mundo dos homens e o Reino de Deus, é a que melhor exprime as aberturas para o sagrado que o campo de batalha proporcionava para os crentes de então, pois a missão tinha igual merecimento e tornara-se num dos grandes suportes da Família Franciscana.

<sup>117</sup> Baliza cronológica que assinala a obtenção da autorização da abertura da arca-relicário com a retirada das relíquias, e a entrega das mesmas aos frades gouveenses, respectivamente.

<sup>118</sup> Nogueira Gonçalves, António, *Inventário do Património Cultural Móvel. Ourivesaria dos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus, 1992, pp. 116 e 117.

<sup>119</sup> Participaram ainda neste estudo a Professora Doutora Ana Maria Silva e a Dra. Sónia Codinha.

<sup>120</sup> *Livro primeiro* [...] 1566, fol. CXL, r, col.a; e; Rosário, *Flos Sanctorum*, p. 171, col.a.

<sup>121</sup> Mártires, “Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz”, *O Instituto* 103 (1944), pp. 331 e 332, e Esperança, *Historia Serafica*, p. 293, col. a.

<sup>122</sup> *Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos*, fol. XX, v e r.

<sup>123</sup> Corte-Real, Antonio Moniz Barreto, *Bellezas de Coimbra*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1831, p. 113.

Foi assim que os seguidores de São Francisco assumiram a tarefa de conversão do Norte de África, onde foram autorizados a fundar os primeiros mosteiros em solo muçulmano,<sup>124</sup> supondo que através dos principais responsáveis políticos atingiriam o geral da população e, com os favores do Céu, ganhariam para a Igreja um reino mais amplo, o qual transformaria a sociedade e o mundo sob os desígnios da Fé Apostólica.

O seu culto, iniciado em Coimbra,<sup>125</sup> durante a construção da nacionalidade portuguesa, ultrapassou barreiras geográficas e temporais, verificando-se um intenso fervor “sacro-heróico” em torno do martírio sofrido. As celebrações litúrgicas, as devoções particulares, as manifestações de piedade popular, a literatura sacra e a romanesca,<sup>126</sup> ou as principais formas de arte (arquitectura,<sup>127</sup> escultura,<sup>128</sup> pintura,<sup>129</sup> ou ourivesaria),<sup>130</sup> permitem assim a consubstanciação e a continuidade de todos aqueles enlevos.

Em torno das relíquias dos Santos Mártires de Marrocos, com maior expressão nas casas monásticas de Santa Cruz e Lorvão,<sup>131</sup> estabeleceu-se uma forte religiosidade que se manifestou ao longo dos séculos e abarcou qualquer das componentes da vivência humana, como expressivas da sensibilidade e repercutidas em sobrevivências patentes até à actualidade. Assim é, pois que, presentemente, o bispo da diocese italiana de Terni-Narni-Amelia, terras de origem dos referidos religiosos mártires, Dom Vincenzo Paglia, em 18 de Outubro de 2002, obteve algumas relíquias para a consagração de um altar instituído na catedral.

### *Laus Deos*

<sup>124</sup> Esperança, *Historia Serafica*, p. 297, cols. a e b.

<sup>125</sup> Partilhando o “ofício” com a Rainha Santa Isabel e São Teotónio, os Cinco Mártires de Marrocos foram designados também protectores da cidade de Coimbra, invocados, sobretudo, durante surtos pestíferos, calamidades sísmicas e períodos de seca extrema. Campos, João Correia Ayres de, *Índice Chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no Archivo da Câmara Municipal de Coimbra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1863, vol. II, fascículo I, p. 76.

<sup>126</sup> Nas obras da autoria de Júlio Dinis, Eça de Queirós ou de José Saramago (*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, p. 302).

<sup>127</sup> Entre as igrejas onde foram instituídos altares em sua honra, destacamos a Sé de Évora, na maioria das igrejas conventuais franciscanas, como na de Coimbra (hoje depositado no coro alto da igreja de Santa Clara-a-Nova) ou a Ordem Terceira do Porto, na igreja matriz de São Miguel de Travassô, Águeda, ou a pequena capela dos Santos Mártires de Avanca, Estarreja.

<sup>128</sup> Os conjuntos escultóricos da igreja de Santa Cruz de Coimbra, São Francisco do Porto, Museu Nacional de Machado de Castro, nas igrejas de Santo António dos Olivais, Coimbra, de Travassô, Buarcos e em muitos outros templos.

<sup>129</sup> Na igreja de Santo António dos Olivais, de Santa Cruz de Coimbra, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Machado de Castro.

<sup>130</sup> Depositados, sobretudo, no Museu Nacional de Machado de Castro.

<sup>131</sup> Se o primeiro mosteiro, através do voto de um homem ansioso para livrar a família do flagelo da peste, instituiu, no século XV (1423), a célebre e popular “Procissão dos Nús”; o segundo, por intenção da sua Abadessa Dona Maria de Sousa, desenvolveu, a partir do século XVII (1630-1633), o costume privado de no dia 16 de Janeiro de cada ano vestir cinco pobres com o hábito franciscano, alimentá-los e ofertá-los com uma generosa esmola. Actualmente, das muitas práticas processionais instituídas mantêm-se apenas a romaria em Travassô, no concelho de Águeda, e a festa dos “Marroquinhos” em Paderne, na zona da Peneda-Gerês. *Livro primeiro*, fol. CXLIII, r, col.a; Nelson Correia Borges, *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade* [...] 2002, pp. 505 e 649, e Krus, Luís, “Celeiro e Relíquias: o culto quatrocentista dos Mártires de Marrocos e a devoção dos Nús”, *Studium Generale* 6 (1984), pp. 21-42.

---

## Fontes e obras de consulta

---

- AA. VV., *Fontes Franciscanas*, Braga, s.e, 1982.
- ANJOS, Luis dos, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, volume I, Lisboa, Oficina de Pedro Crasbeeck, 1615.
- BAILLET, Adrien, *Les vies des Saints*, volume II, Paris, chez Jean-Th. Herissant, 1739.
- BASTO, A. Magalhães, “Crónica de Cinco Reis de Portugal”, volume I, Porto, Livraria Civilização, 1945.
- BASTO, Artur de Magalhães, *Estudos: cronistas e crónicas antigas. Fernão Lopes e a Crónica de 1419*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1959.
- BORGES, Nelson Correia, *Arte Monástica em Loroão. Sombras e Realidade*, 2 vols., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, *Superstição, fé e milagres na Idade Média*, Coimbra, INATEL, 1995.
- CORNEJO, Damian, *Chronica Seraphica*, tomo II, Madrid, Imprenta de la Viuda de Juan Garcia Infançon, 1727.
- CORTE-REAL, Antonio Moniz Barreto, *Bellezas de Coimbra*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1831.
- COSTA, Jorge, (coord.), catálogo da exposição “Santa Cruz de Coimbra – A cultura aberta À Europa na Idade Média”, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2001.
- CROISSET, Jean, *Ano Christão ou Devocionário para todos os dias do ano*, volume I, Porto, Seminário do Porto, 1923, pp. 190 a 198.
- DAIX, Georges, *Dicionário dos Santos do calendário romano e dos beatos portugueses*, Lisboa, Teramar, 2000.
- ENCARNAÇÃO, Joaquim da, *Noticia dos Santos Protectores de Coimbra*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1761.
- ESPERANÇA, Manoel da, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomos I e II, Lisboa, Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1656 e 1666.
- FARINHA, António Dias, “A Missionação Portuguesa no Norte de África”, in *Encontro de Culturas – Oito Séculos de Missionação Portuguesa*, Lisboa, Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.
- GÓIS, Correia, “Os Mártires de Marrocos e a «Campainha da Burra»”, in *O Mensageiro*, Março de 2003.
- GÓIS, Correia, “Travassô e os Santos Mártires de Marrocos”, in *O Mensageiro*, Fevereiro de 2004.
- GONÇALVES, António Nogueira, *Inventário do Património Cultural Móvel. Ourivesaria dos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus, 1992.
- GONÇALVES, Flávio, *Breve Ensaio sobre a Iconografia da Pintura Religiosa em Portugal*, Lisboa, s.e., 1973.
- GONÇALVES, Flávio, “A Representação Artística dos «Mártires de Marrocos» - Os mais antigos exemplares portugueses”, in *Museu*, II Série, Nº 6, Palácio dos Carrancas, Porto, Dezembro de 1963.
- GONZAGA, Francisco, *De origine Seraphicae Religionis Frãiscane*, Roma, s.i., 1587.
- IGUACÉN BORAU, Dom Damián, *Los Santos Mártires de Teruel*, Teruel, s.e., 1978.
- LIMA, Frei José Dias de, *Sermão dos Santos Mártires de Marrocos*, Travassô, s.e., 16 de Janeiro de 2001.
- LISBOA, Marcos de, *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, volume I, Lisboa, Oficina de Pedro Crasbeeck, 1615.

- Livro primeiro da primeira parte das Chronicas da ordem dos frades menores*, Lisboa, Oficina de Manoel Ioam, 1566.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, *Tratado da vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.
- Magnum Bullarium Romanum*, Luxemburgi, Henrici-Alberti Gosse & Soc. Bibliop. & Typograph, 1742.
- MARQUES, João Francisco, “Os Mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a Evangelização Portuguesa no Norte de África até ao Século XVI”, in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época*, volume V, Porto, Universidade do Porto - CNCDP, 1989.
- MARTINS, Armando Alberto, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003.
- MÁRTIRES, Dom Frei Timóteo dos, “Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz”, in *O Instituto*, n.º 103, Coimbra, 1944.
- MATTOSO, José, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002.
- MATTOSO, José, “Dois séculos de vicissitudes políticas”, in *História de Portugal – A Monarquia Feudal (1096-1480)*, volume II, Estampa, Lisboa, 1993.
- PACHECO, Milton Pedro Dias, *Estudo iconográfico dos Santos Mártires de Marrocos*, Coimbra, trabalho curricular apresentado na cadeira de Arte das Ordens Religiosas I Mestrado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006 [polycopiado].
- RIBADENEIRA, Pedro de, *Segunda Parte del Flos Sanctorum, o Libro de las Vidas de los Santos*, tomo II, Madrid, Oficina de Luis Sanchez, 1616.
- ROSARIO, Diogo do, *Flos Sanctorum ou Historia das vidas de Christo, Nosso Senhor, de sua Santissima Mãe, e dos Santos, e suas festas*, tomo I, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1741.
- SÃO CAETANO, Antonio de, *Breve compendio da vida, e martyrio dos cinco gloriosos Martyres, de Marrocos*, Coimbra, Oficina de Bento Secco Ferreyra, 1711.
- SANTA MARIA, Nicolao de, *Chronica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, tomo II, Lisboa, Oficina de Ioam da Costa, 1668.
- SOLEDADE, Fernando da, *Historia Seráfica Chronologica da Ordem de S. Francisco na provincia de Portugal*, tomos III e IV, Lisboa, Oficina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, 1705 e 1709.
- Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marrocos enuiados per são Francisco*, Coimbra, Oficina de João Alvarez, 1568.
- URBANO, Carlota Miranda, “Tipologias literárias do martírio na hagiografia. As origens”, separata da revista *Theologica*, 2.ª série, n.º 41, 2 Braga, 2006.
- URBANO, Carlota Miranda, “Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas”, separata da revista *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, Porto, Instituto de Estudos Ibéricos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.
- VAUCHEZ, André, *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.
- VIEIRA, José Bento, *Os Mártires de Marrocos. Vida e Martírio*, Coimbra, Gráfica de Coimbra 2, 2006.
- VILLEGAS, Alonso de, *Flos Sanctorum. Nuevo y Historia General de la vida, y hechos de Iesu Christo Dios, Y Señor Nuestro Y de Todos los Santos*, Barcelona, Oficina de Pablo Malo, 1595.